

ANTERO E GERMANO — DIVERGÊNCIA E CONVERGÊNCIA

No estudo *Germano Meireles — da Geração Coimbra à Geração de 70*, procurámos destacar a actividade intelectual e literária de Germano Meireles, cuja figura era ofuscada pelo brilho fulgurante do poeta das *Odes Modernas*, que lhe andava umbilicalmente associado. Pedro Eurico (pseudónimo de Pinto Osório), memorialista dessa geração, afirma: «eram como dois gémeos siameses, que não podiam separar-se e o que um sentia era o que sentia e sofria o outro. Posto que não vivesse na mesma casa com Germano, constantemente se viam juntos». Do ponto de vista físico e psicológico, as diferenças entre esses dois jovens académicos eram flagrantes. A bela figura de Antero contracenava com a de Germano, a quem o irascível Teófilo Braga, despeitado com Antero pela sua crítica à *Teoria da História da Literatura Portuguesa* (em que a mão de Germano também teria intervindo), chama, sem clemência, «aleijadinho mefistofélico», acusando-o de ter sido, com o seu cepticismo esterilizador, o grande culpado pela inadaptação de Antero à vida real e social. Acusação de todo inconsistente, sobretudo quando se tem em mente o prodigioso trabalho realizado por Germano Meireles, vitimado ainda muito jovem por um aneurisma.

João Machado de Faria e Maia tem opinião bem contrária à de Teófilo, afirmando que Antero tinha por Germano «uma extrema afeição que, depois da sua morte, mostrou para com Oliveira Martins: em ambos os casos ela resultava duma mútua apreciação de caracteres e ideias». Testemunho igualmente abonatório da profundíssima amizade que unia estes dois jovens talentosos é o de António Arroio, que relata algumas cenas ocorridas com João de Deus, Antero e Germano no Hotel Estanislau, no Porto: «rara era a noite em que Antero e Germano não tinham uma discussão violentíssima que terminava sempre de forma engraçada. Dormiam ambos no mesmo quarto e davam-se como irmãos». Na opinião de Arroio, Antero era ingénuo, leal e arrebatado; Meireles era áspero, penetrante e aproveitava nessas discussões as fraquezas ou ingenuidades do seu amigo e interlocutor, muitas vezes em desacordo. E aqui reside um dos aspectos mais interessantes desta amizade que condicionaria posteriormente toda a vida de Antero.

Embora, desde o primeiro ano de Coimbra, Meireles tenha sido o confidente privilegiado de Antero e se houvesse criado entre ambos uma comunhão de sentimentos, isso não implica que ela se possa confundir com uma perfeita identificação ao nível das ideias. Daí a razão provável dessas discussões, que não eram necessariamente académicas, e em que tinha de intervir João de Deus para moderar os ânimos exaltados. Que esta amizade coimbrã se prolongou sem interrupções quando a vida os separou, prova-o a abundante correspondência que tem Germano Meireles por destinatário. Em 1866, de Ponta Delgada, escreve Antero: «Em grande

parte comunicas com o mundo por intermédio de mim. [...] O teu temperamento de artista consente-te juntar coisas contraditórias, de vária natureza, numa unidade artificial que a tua imaginação inventa.» Esta fusão moral das duas personalidades é ainda mais patente na carta-dedicatória das *Odes Modernas*, que metaforiza a profundidade da relação afectiva entre os dois coimbrãos, um açoriano, outro penafidense, separados, às vezes, por razões de ordem ideológica, mas em perfeita sintonia afectiva e irmanados pelo traço dum liberalismo libertador compendiado na forma sintética da *ideia nova*:

A mão, que escreveu este livro, copiou apenas. Mas a Ideia, que o inspirou, essa saiu-nos, como dois metais fundidos para o mesmo molde, única, espontânea de ambas as almas. Rebentou-nos de ambas as vontades com a mesma força de uma igual aspiração. Meditaram-na em comum duas inteligências unidas numa só crença, como de duas raízes sai o mesmo tronco, de duas ondas, juntando-se, uma só espuma e uma única voz. // É o fruto de um mesmo Ideal. E onde há aí mão que possa, abrindo ao meio estes versos, arrancar-lhes das entranhas, partidas cada qual, a parte que é a minha e a tua parte? // São inseparáveis: como se não pode desprender a luz da cor, a forma da essência, o pensamento da consciência. // É nosso este livro.

Não se trata, é evidente, dum fenómeno de co-escrita, mas tão-somente da expressão hiperbólica de vivências comuns agora literalizadas. Foi tão forte esta relação que se manteve até à morte de Germano e se prolongaria para além dela quando Antero decidiu, num acto de grande nobreza moral, adoptar duas filhas ilegítimas daquele seu amigo, não sem oposição tenaz da sua família de sangue, que via assim ameaçada por estranhos a herança do património. Não será fácil determinar com exactidão em que medida a nevrose crónica de Antero foi exacerbada pelas amarguras e preocupações que tal repúdio lhe teria provocado, como parece depreender-se da dupla versão do seu testamento. Seja como for, é indesmentível que, na sua longa e aguda crise de pessimismo, Antero lançou raízes no mundo real pela fixação afectiva nas pupilas, as quais teriam retardado a crise fatal que terminou no suicídio como forma de alívio para uma fisiologia doente e um psiquismo metafisicamente atormentado. É a interpretação mais corrente que consentem as múltiplas alusões epistolares de Antero às filhas naturais de Germano, alusões sempre repassadas de paternal solicitude. A memória inesquecível de Germano, colhido na flor da juventude, impusera-lhe esse enorme sacrifício, que lhe dera, entretanto, uma consciência mais exacta da inserção na vida real.

Mais interessante do que sublinhar esta amizade tão invulgar será definir o perfil ideológico destes dois coimbrãos inseparáveis. Dois homens, dois estilos. Antero, que se estreou com Germano em *O Fósforo*, de Coimbra e depois colaborou assiduamente com ele em *O Século XIX*, de Penafiel, tinha um estilo transparente, directo, incisivo, sóbrio; Germano, esse exhibia um estilo empolado e barroco, ao jeito do de Vieira de Castro e de Aires Gouveia. Disso, aliás, o acusa Teófilo Braga em *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*. Ora, mal saiu de Coimbra, Germano logo enveredou pela vida prática, consagrando-se ao jornalismo político e literário, procurando intervir como escritor-cidadão nas tarefas da reconstrução nacional. Foi cofundador de *O Século XIX*, director de *O Primeiro de Janeiro* e de *O Progresso Comercial*, em que pôs a sua pena aguerrida ao serviço dos *direitos da palavra, da onnipotência da opinião pública*, que ele sintetizara na fórmula algo estereotipada da época: «Se M. Thiers reina, é M. Girardin quem governa.» O modelo estrangeiro por ele seguido, dado o seu francesismo, muito mais confesso que o de Antero, foi Pelletan. Germano sustentava lucidamente que, num regímen constitucional, a Imprensa tinha uma função insubstituível de vigilância em ordem à moralização do poder. Já o abstencionista Antero via a Imprensa com muitas reservas, e, embora fosse dando a sua abundante colaboração literária a múltiplos jornais e gazetas do Reino, em correspondência com

Germano Meireles e Mariano Machado de Faria e Maia punha algumas reticências a esta missão por que Germano decididamente tinha optado.

Continuando a aprofundar a análise contrastiva entre estes dois espíritos, ficaremos deveras surpreendidos com as diferenças que os separam. Enquanto Antero foi um bacharel em Direito que nunca exercitou o seu canudo, Meireles foi um temível causídico da praça do Porto. Por outro lado, se Germano reclama a «co-autoria», em sentido figurado, na gestação das *Odes Modernas*, convirá salientar que ele não foi poeta, a não ser de modo muito esporádico e com uma realização muito medíocre. Porém, um traço comum os unia, e bastante forte para sustentar todas as outras diferenças: o repúdio do obscurantismo em religião como em política, que ambos associavam ao ultramontanismo farfalhado do tempo. Para Antero, sempre mais subtil do que Germano, o cristianismo e o mundo contemporâneo eram compatíveis; incompatível com o espírito e a ciência era o obscurantismo da Igreja romana, como demonstra o *Syllabus*, que, na opinião de ambos, atentava contra a civilização. Para Germano, a *Internacional Negra* (os Jesuitas) era mais perigosa do que a *Internacional Vermelha*.

Já em termos filosóficos os matizes entre ambos são notórios. Ainda que unidos por um hegelianismo comum, Meireles, muito menos onírico do que Antero, inclinou-se para o Positivismo de Comte e de Littré. Antero, pelo contrário, mantinha todo o seu arreigado idealismo: «A Fé não é só património do cristão, há também a Fé da Filosofia, que pelo menos é tão boa. Mas tu és Positivista, meu pobre Germano. Pobre filosofia essa, e fraco apoio! Quem me dera que tu pudesses crer!» A crença de Meireles era muito menos especulativa e metafísica, acreditando na análise positiva e social dos factos políticos, económicos e científicos. É, curiosamente, a elevada idealização visionária dos *Sonetos* de Antero que mantém hoje em dia muito viva a sua obra, enquanto estão sepultados no pó das bibliotecas os artigos e ensaios de economia e política assinados por Germano. Foi esta diferenciação filosófica de base que implicou outras divergências de natureza social e política. Antero, inspirado nos ideais da Internacional, que Germano (muitas vezes referido como *maçon*, mas, quanto a nós, sem fundamento) categoricamente recusava, tornou-se por algum tempo fervoroso apóstolo da tese do Iberismo, que o seu amigo combateu com ousada frontalidade no artigo «A União Ibérica perante a Justiça», o qual faz uma desmontagem retórica impiedosa do ideal que seduziu alguns espíritos brilhantes dessa geração. Os republicanos tendiam para a tese do Iberismo. Ora, se o Republicanismo de Teófilo Braga atraiu temporariamente Antero, nunca atraiu Germano, que politicamente não passou dum liberal reformista, dissecando o conceito de *república* num longo artigo (infelizmente, inconcluso) publicado na *Gazeta Democrática*, de Guilherme Braga (em 7, 15 e 26 de Março de 1870), e que, no fundo, é uma acesa diatribe contra o *Contrat Social* de Rousseau, demarcando-se em relação ao Republicanismo em moda.

Se passarmos à análise do grande debate dessa época que foi a Comuna de Paris, mais uma vez verificaremos, com surpresa, que estes dois irmãos gémeos a analisaram por grelhas muito diversas. Antero vibrou de entusiasmo vendo raiar nela o clarão dum mundo novo, iluminado pelo socialismo proudhoniano que, teoricamente, o alimentava. Germano Meireles, por seu turno, apresenta em 1873, em sete artigos insertos no jornal que então dirigia — *O Progresso Comercial*, uma vasta síntese sobre a Comuna, onde fustiga as violências que fizeram de Paris um inferno dantesco e afirma que é preciso aprender a distinguir entre homens e ideologias, para salientar que na Comuna «havia o socialismo de 48 modificado ou transformado pelos livros de Proudhon mal compreendidos, refundido ou caldeado pela Associação Internacional dos Trabalhadores, inspirado nas tendências da escola económica». Apesar de se declarar admirador das ideias socializantes de Proudhon, considerava uma *gaucherie* a Comuna ter tentado converter em leis a linguagem e mesmo as fórmulas abstractas daquele socialista utópico, que moldou em geral todo o pensamento social da sua geração. Meireles limitava assim muito mais o seu socialismo do que o idealista Antero, já

na questão dos princípios abstractos, já na análise dos factos políticos mais em destaque.

Para completar este quadro, falta referir a actividade de crítica literária, que denuncia os gostos estéticos de ambos. Antero de Quental é muito mais perspicaz no exercício da crítica, mas frequentemente Germano antecipa-se aos textos anterianos e teofilianos que engendraram a polémica questão do *Bom Senso e Bom Gosto*. Em «*Sol à Sombra*, poemeto de Simões Dias», ano e meio antes da eclosão dessa polémica, Germano é o primeiro coimbrão da sua geração a dar uma alfinetada a Herculano por se ter retirado da liça, e a Castilho por desvirtuar «com o fumo dos seus gloriosos *Te-Deum* os que lhe pedem uma gota de água lustral para a sua circuncisão». Germano será mesmo o primeiro a avançar a ideia duma Escola do Porto, simultânea às de Coimbra e de Lisboa, as quais designa por «três falanges literárias», e que o seu conterrâneo Joaquim de Araújo haveria de desenvolver e especificar mais tarde na revista *A Renascença*. Avança todos os argumentos que Antero e Teófilo utilizariam depois na sua luta contra o «árcade póstumo», «o déspota do purismo e do léxico», com a desvantagem de o terem feito num tom muito mais polémico e provocatório.

Comum a Antero e a Germano é ainda a crítica aos lamartinianos (e não a Lamartine, por quem nutriam grande simpatia) por terem transformado o sentimento nobre em *sensiblerie* doentia. Sobre a obra mais polémica surgida até então do vespeiro coimbrão — as *Odes Modernas* — Germano, irmanado no ideal de «modernidade» que a nova mensagem poética anteriana lançava contra o marasmo nacional, insurge-se na sua crítica a este livro contra as «glórias da borralheira, que ainda vestem à moda de Horácio, ou pelo figurino arrebicado e menineiro dos *Trovadores de brisas*, olhos azuis, elas carminadas e quejandos bonitos, muito para contentarem as exigências de barato sentimentalismo dalguma Gautier de fotografia». Para ele, as *Odes Modernas* recusavam «essa atmosfera de papel azul com nuvens de musselina e alfinetes de pechisbeque», constituindo «uma espécie de cometa caudato, um meteoro sinistro, um *sauve qui peut* tremendo». Neste aspecto, os dois coimbrãos estavam perfeitamente identificados.

Também Germano esteve indigitado para prelector das Conferências do Casino, que o marquês de Ávila e Bolama não deixou prosseguir. Ignora-se qual seria o assunto da sua intervenção, que na lista dos oradores ocupava a décima terceira posição. Nessa data, Germano era redactor de *O Primeiro de Janeiro*, e assinou com Antero o protesto dos prelectores, mas levantou algumas reservas à Carta de Antero e de Batalha Reis ao marquês de Bolama, por considerá-la demasiado ofensiva, ainda que noutra notícia do mesmo jornal chame ao marquês «Thiers de contrabando, o vencedor do Casino».

Se é legítimo pôr em causa, como hoje se vai fazendo, a existência na Geração de 70 dum projecto global unificador que estruturasse uma verdadeira *consciência geracional*, dada a gama de variantes etárias, ideológicas e sociopolíticas dos seus elementos (que se haveriam de acentuar divergindo na pose convencional do vencidismo finissecular), a ligação afectiva umbilical entre Antero e Germano é um exemplo notável de como esta Geração, unida por um ideal vago de inspiração essencialmente victor-hugoana, abriu pluralmente à sociedade portuguesa um leque de caminhos culturais a percorrer, em que à recusa do gosto estético uniformizado corresponderia simetricamente a repulsa pelo monolitismo da opinião, na filosofia como na religião e na política.

Ferreira de Brito

Brito, Ferreira de

"Antero e Germano : divergência e convergência" / Ferreira de Brito. In: *Revista Colóquio/Letras*. Notas e Comentários, n.º 123/124, Jan. 1992, p. 343-346.